



O Jornal Económico

www.jornaleconomico.pt

Diretor Filipe Alves | Diretor Adjunto Shrikesh Laxmidas | Subdiretores Leonardo Ralha e Lúcia Simões
Diretor de Arte Mário Malhão | Preço €3,20 (continente) | Semanário, sai às sextas

ET CETERA



“Uma das coisas mais importantes é ser livre e independente”. • P6 e 7

Paulo Branco, produtor de cinema

BCP avança com 800 rescisões, mas não afasta despedimentos

Reunião com sindicatos resultou em condições para redução de 800 a mil postos. O banco vai pagar indemnização de 1,4 ordenados por ano de trabalho, sabe o JE. Se meta de saídas não for atingida até 18 de agosto, pode avançar para despedimento colectivo. • P23



PROTAGONISTA

“Acompanhamos com muita atenção as ajudas de Estado à TAP”

José Lopes, CEO da easyJet, lança um aviso sério sobre os contornos da ajuda que o Estado português concedeu à TAP e garante que não admitirá distorções da concorrência. Empresa está a acompanhar de perto o processo em Bruxelas, afirma. Companhia acredita que as pessoas vão voltar a viajar quando a pandemia acalmar. • P4 e 5

BANCA DO FUTURO

“Bancos sem base tecnológica terão muitas dificuldades em manterem-se no mercado” • Especial



Hélder Rosalino
Administrador Banco de Portugal

FUTURO DO TRABALHO

“Estado pode tornar-se mais ágil, próximo e eficaz”, diz presidente da AMA • Especial



Fátima Madureira
Presidente do Conselho Diretivo da AMA

PRR: Tribunal de Contas diz que estará atento ao risco de “fraude e princípio da concorrência”

José Tavares, presidente do TdC, assegura em declarações ao JE que entidade estará atenta aos riscos de fraude com fundos europeus. E diz que são os gestores “que fazem a diferença” na aplicação dos procedimentos de contratação. • P 6 e 7

ENERGIAS RENOVÁVEIS

Finerge, liderada por Pedro Norton, compra três centrais eólicas em Portugal • Última

‘RUSSIAGATE’

Fernando Medina e Santos Silva vão explicar-se no Parlamento • P10

TELECOM

Sindicatos querem novo ACT e avisam que não há “paz social” na Altice • P18

DISTRIBUIÇÃO DE JORNAIS

Pontos de venda rejeitam nova taxa, mas VASP não recua • P29

AGÊNCIA ESPACIAL

“Indústria portuguesa será especialista em satélites de alta resolução”, defende Ricardo Conde • Especial

PUB

BARÓMETRO EY



Página 27

PUB

Estamos a criar uma nova energia no planeta.

Mais inclusiva. Mais partilhada. Mais verde.



CHANGING TOMORROW NOW

A mudar, já hoje, o amanhã.



Descubra mais em edp.com



ENERGIA

Finerge compra três centrais eólicas em Portugal

A companhia comprou a sociedade portuguesa WTG. A Finerge vai instalar a maior turbina eólica em terra em Portugal numa destas centrais.

ANDRÉ CABRITA-MENDES
 amendes@jornaleconomico.pt

A Finerge reforçou a sua carteira de ativos com a compra da empresa WTG e o seu portefólio. A produtora eólica vai assim passar a contar com mais três centrais eólicas com uma capacidade total de 28,35 megawatts (MW), que eram detidas pela portuguesa WTG.

As centrais ficam localizadas na zona de Arouca (Alto do Côto, 4,5 MW), no distrito de Viseu, e Mação (Serra da Amêndoa, 19,4 MW, e Serra da Lage, 4,5 MW), no distrito de Santarém, num total de 25 geradores eólicos. A empresa não revelou o valor da aquisição.

Ao mesmo tempo, o parque da Serra da Lage está agora a ser alvo de uma repotenciação com os aerogeradores a serem substituídos por uma turbina única, a maior localizada em terra em Portugal.

“É mais um passo na prossecução dos nossos objetivos estratégicos e na consolidação da nossa presença em Portugal. Esta turbina de 4,2 megawatts é uma das maiores instaladas no país e sinaliza o nosso compromisso em recorrer a tecnologia de ponta para contribuir para a obtenção das metas do PNEC, com o menor impacto ambiental possível”, disse Pedro Norton, CEO da Finerge.

As maiores turbinas eólicas exis-

tentes em Portugal pertencem ao projeto marítimo Windfloat Atlantic da EDP, que conta com três turbinas de 8,4 megawatts cada instaladas numa superfície flutuante.

A elétrica detida pelos australianos da First Sentier Investments chegou recentemente a acordo com os dinamarqueses da Vestas para o fornecimento de aerogeradores destinados aos projetos de sobreequipamento de seis parques eólicos, “com uma capacidade adicional de 39 MW, num conjunto de projetos de sobreequipamento eólico de mais de 150 MW”.

Em maio, a Finerge admitiu analisar o terceiro leilão de energia solar que vai ter lugar em setembro. “A Finerge, enquanto player relevante do sector, não descarta nenhuma oportunidade/alternativa de crescimento e de contribuir para o cumprimento das metas do PNEC 2030. Temos sempre que ponderar estas participações, seja em Portugal ou noutro país. Dependerá, sobretudo, das regras e modalidade do leilão. Tal como aconteceu com os anteriores”, disse então ao JE o presidente executivo da Finerge, Pedro Norton.

Em relação à tecnologia solar flutuante, prevista para este leilão, Pedro Norton adiantou na altura que a Finerge está sempre atenta a “novos avanços tecnológicos. A prová-lo está o facto de, no final

do ano passado, a Finerge ter criado uma área de inovação, dedicada a temas disruptivos, como é o caso do flutuante, do armazenamento de energia e do hidrogénio”.

A companhia sediada em Matosinhos manteve a sua aposta nas energias renováveis na Península Ibérica durante o ano de 2020. Nesse ano, entrou no negócio da energia solar em Portugal com a compra de 10 centrais solares. Em Espanha, adquiriu sete parques eólicos. Para financiar estas compras, a Finergie fechou três linhas de financiamento, num total de quase 700 milhões de euros.

A Finerge é a segunda maior produtora de energia renovável em Portugal, atrás do grupo EDP, e a sexta maior operadora eólica da Península Ibérica. A companhia detém um total de 659 aerogeradores instalados nas suas 53 centrais eólicas e nas 16 centrais fotovoltaicas, num total de 1.339 MW.

Analisando o mercado total de energia eólica em Portugal, a EDP Renováveis conta com uma quota de 21%, seguida da Finerge com 16%, da Iberwind com 13%, da Trustenergy com 9% e da Geneng com 8%. Em termos de energia solar fotovoltaica, a Allianz Capital Partners e a Acciona lideram com 9% cada. Seguem-se a Hyperion (8,9%), a Corporacion Masaveu (7%), a Finerge (6,9%) e a Glenmont (6,5%), segundo a E2P. ●

OPINIÃO

Voltar atrás nas palavras



SHRIKESH LAXMIDAS
 Diretor Adjunto

Ao contrário do desconfinamento, no qual podemos voltar atrás, as palavras uma vez ditas não podem ser retiradas. Podem ser contrariadas ou até mascaradas atrás de supostos mal-entendidos, mas não podem voltar para de onde vieram.

A zanga entre Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa sobre a possibilidade (ou não) de recuarmos em relação ao alívio das medidas sanitárias foi um episódio desnecessário numa altura crucial na luta contra a pandemia. Dois políticos experientes deviam saber que não precisamos de picardias infantis sobre temas sérios.

O Presidente da República esteve mal, e por duas vezes. Primeiro, ao dizer que já não voltamos atrás no desconfinamento. “Já não voltamos para trás. Não é o problema de saber se pode ser, deve ser, ou não. Não vai haver. Comigo não vai haver”. Não consigo perceber qual foi o racional de dizer isto. Se era uma estratégia para motivar as pessoas a cumprirem as regras sanitárias foi, no mínimo, atabalhoada.

Além de não ajudar, a intervenção irritou o primeiro-ministro, que corrigiu o Chefe do Estado ao dizer que ninguém pode dizer que não podemos recuar.

Marcelo não gostou e disse que um Presidente nunca é desautorizado pelo primeiro-ministro e, pior ainda, salientou quem nomeia quem. O Presidente nomeia o primeiro-ministro, mas não devia esquecer que quem elege os dois somos nós e não temos tempo ou paciência para estar a ouvir uma guerra de pala-

avras inútil que depois vêm classificar de mal-entendido.

Outro caso em que o silêncio podia ter sido de ouro foi o do bizarro vídeo feito na Plaza Mayor de Madrid pelo ‘diretor de pessoas e cultura’ (gostava de saber quem cunhou este cargo) e por um colega a dizerem que estavam em Madrid a recrutar um chefe de carga para Espanha.

A TAP até pode ter necessidade de preencher essa vaga no país vizinho, mesmo quando está a despedir neste, mas, tendo em conta a situação da empresa, é incrível que um executivo sénior filme esse discurso e o vá colocar online.

O ministro das Infraestruturas e Habitação mostrou-se corretamente indignado e esperamos que este tipo de vexame não aconteça na nova administração.

Cristiano Ronaldo, por sua vez, falou com atos e não por palavras. Removeu a Coca-Cola da mesa da conferência de imprensa, num gesto que abriu um debate sobre se os jogadores devem ou não tomar esse tipo de posições contra os sponsors.

A gigante dos refrigerantes irá sobreviver, sem grande dano, claro, mas foi interessante ver Ronaldo a tomar uma atitude tão forte e direta. O capitão da seleção falou com ação também no campo, marcando dois golos na difícil vitória contra a Hungria, num jogo em que bateu dois recordes, o de presenças em fases finais do Euro (5) e a de golos marcados no torneio (11).

O Presidente, o primeiro-ministro e o diretor da TAP deviam aprender com o nosso CR7: fazer mais e falar menos. ●

O Presidente, o primeiro-ministro e o diretor da TAP deviam aprender com o nosso CR7: fazer mais e falar menos



Assista, todas as terças-feiras, às dicas e sugestões para contornar os desafios dos próximos tempos, no facebook e site do **Jornal Económico**.

Saiba como poupar na fatura da água.

SANTA CASA
 Misericórdia de Lisboa

Com o apoio de